

No momento no qual, felizmente, as questões que envolvem a institucionalização da Psicanálise com seus desvios éticos (usos e abusos transferenciais) polarizam a discussão, nasce esta publicação, movida pelo desejo de veiculando, ventilar, e ventilando, explicitar diferenças. Diferenças de concepções teórico-clínicas que, quando se trata de instituições de uma ou de outra forma comprometidas com a formação e suas implicações — seleção de candidatos, propostas de programas etc. —, significam opções específicas quanto às redes relacionais dentro do fazer e pensar psicanalítico e, portanto, quanto aos vínculos e suas modalidades dentro do campo proposto.

Nada melhor para ilustrar isto do que um dos artigos selecionados (são apenas dois) e traduzido na íntegra para este número inaugural da "Agenda": de John Forrester, "Quem está em análise com quem? — Freud, Lacan, Derrida".

Abarcando, por ora, a presença de múltiplas Instituições no eixo Rio-São Paulo, a Psicanálise na Universidade, Eventos (desde grupos de estudo e de trabalho a conferências) e a presença de uma Instituição de Buenos Aires, a intenção é de maior abrangência, incluindo outros Estados do Brasil e notícias sobre o movimento psicanalítico internacional.

Trata-se de um serviço inédito e importante que, muito mais do que uma mera localização formal no mapa de possibilidades, propicia uma ocasião de confronto das histórias, das produções e das orientações institucionais. Para tanto, a publicação reproduz, sem alterações, os textos encaminhados pelos grupos que responderam à sua solicitação, marcando o compromisso dos mesmos com uma fala responsável.

Um outro aspecto singular é, dentro da seção de Artigos, um "Banco de Artigos", com várias sùmulas que, no caso do leitor ser pego pelo interesse, possa solicitar integralmente.

Um traço de união

Comentário a respeito da *Agenda da Psicanálise*.
Coordenação: Daniela Ropa e Denise Maurano. 1ª edição, 1989, Xenon Editora e Produtora Cultural Ltda., Rio de Janeiro.

Isto abre possibilidades de um intercâmbio amplo de produções que de outra forma seria inviável.

Numa outra seção, a de Publicações, são divulgados livros nacionais e estrangeiros e recomendações, entre os últimos, que estejam disponíveis em livrarias especializadas no Rio de Janeiro. Constam também resenhas e sinopses.

O meu olhar mais prolongado vai, no entanto, para a última seção: "A questão da Agenda", tema escolhido pela publicação, com artigos de vários autores consultados.

A colocação é a seguinte:

"A questão do dinheiro na Psicanálise é antiga, mas, no entanto, até hoje pouco abordada em seus fundamentos teórico-clínicos.

A crise econômica do Brasil atual, com a inflação e a multiplicação dos índices de referência, faz com que esta questão retorne, interrogando com pregnância os analistas brasileiros.

Diante disso: como você articula teoricamente e na sua prática clínica o lugar do dinheiro na Psicanálise?"

Escolha excelente, *histórica e conjuntural*, que retira da obscura marginalidade a que tem sido deixado o tema e o traz para o centro aberto da discussão.

E aqui, quanto às respostas é que vai uma indagação que vou formulando a partir de uma análise dos textos:

Alguns incluem o *social* como história e atualidade e outros o excluem — fator a meu ver central e diferencial na política de formação das várias instituições, na leitura dos textos freudianos, na prática clínica cotidiana e, sobretudo, implicado no cerne da pergunta proposta.

Alguns autores, tácita ou implicitamente se voltam apenas, fragmentariamente, a uma parte da formulação, de-

bruçando-se sobre a articulação teórica, na sua prática clínica, do lugar do dinheiro, deixando (novamente à margem) o que vem no texto antes do "diante disto" (a pouca abordagem do assunto e a crise econômica atual).

Além destas leituras diferentes do mesmo enunciado, há diferentes pontos de vista expressos, como:

— "é no e pelo pagamento que se legitima simbolicamente o lugar do analista".

— "o *dinheiro* da equação simbólica é distinto do *dinheiro* que permite ao analista se sustentar (no duplo sentido da palavra) enquanto tal (grifos mantidos do texto).

Ou como:

— "se numa psicanálise não há dentro nem fora, não cabe aqui a argumentação quanto às preocupações do analista no que diz respeito às questões sócio-econômicas vigentes em tal ou qual país" e "os compromissos sociais da pessoa do analista sobre o qual recai a função analítica nada têm a ver com a maneira pela qual o analista lidará com o significante dinheiro na análise".

— "vamos considerar o elitismo que caracterizou a psicanálise no Brasil nos seus primórdios, assim como a quebra do monopólio nos anos recentes, com a multiplicação de novos grupos de analistas" (notemos: cuja divulgação *histórica* é um dos objetivos da "Agenda")... "Finalmente, vamos destacar alguns efeitos do processo inflacionário brasileiro no campo psicanalítico".

Selecionei estes fatos textuais como um recorte para subsidiar minha indagação à

"Agenda" (a indagação, por sua vez, norteou o recorte).

É justamente no tema escolhido onde mais (e não unicamente) surge o compromisso da publicação.

No Editorial nos é dito — e como empatizo com isto — que a seleção de critérios é sempre problemática e que as soluções ocorrem com o tempo: que, diante da dificuldade, utiliza-se como critério "aquilo que se inscreve enquanto texto freudiano ou produção sobre o mesmo remetido à radicalidade subversiva do conceito de inconsciente" — e "os critérios, portanto, se por um lado instrumentalizam um compromisso com a psicanálise, por outro, não impedem uma margem de flutuação — assim algum recorte por nós é feito, mas o rigor do recorte último caberá à apreciação do leitor".

Mas, assim como a "Agenda" solicitou, com todo sentido, às Instituições, a manifestação de um compromisso específico (sem coibir divergências), não deveria ela, para além do trabalho sempre imprescindível do leitor, sinalizar, na polêmica, que houve aceitação, ou não, nas respostas à sua questão na complexidade em que foi proposta e igualmente, quando houve, as diferenças cruciais que surgem (sem igualmente coibi-las)?

Este comentário surge justamente porque a nova publicação foi por mim acolhida com prazer e interesse, e a minha contribuição está na expressão das boas-vindas, da admiração pelas coordenadoras do projeto e também no meu questionamento — não se faz também importante, além de unir num mesmo espaço as diferenças, não se ausentar das mesmas, enunciando a separação que o próprio traço de união contém?

Janete Frochtengarten
Psicanalista, membro do
Departamento de Psicanálise do
Instituto Sedes Sapientiae